

TRAJETÓRIAS DOCENTES NA EJA: UM ESTUDO SOBRE SABERES, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

IARA REJANE LEÃO LOUZADA¹; LIANA BARCELOS PORTO²; CRISTHIANNY
BENTO BARREIRO³

¹Mestranda em Educação e Tecnologia pelo IFSUL-Pelotas – iaraleaolouzada@gmail.com

²Dra. em Educação, Universidade Federal de Pelotas – lianabarcelosporto@gmail.com

³Dra. em Educação, Instituto Federal Sul-rio-grandense – cristhiannybarreiro@ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O perfil dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem se modificando ao longo dos anos; o modelo inicial, concebido para estudantes mais velhos e trabalhadores, já não é o único. Cada vez mais jovens, a partir de quinze anos, integram essa modalidade de ensino, seja em razão da distorção idade-série, seja pelo direito de concluir a escolarização. Esses jovens, marcados por processos de exclusão escolar, apresentam características específicas e necessidades próprias da juventude, muitas vezes não contempladas pelas instituições.

Cabe à escola criar espaços de escuta, diálogo e reflexão crítica que permitam a esses educandos reconhecerem-se como sujeitos históricos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem, por meio de uma educação libertadora comprometida com a justiça social e a emancipação. Como afirma FREIRE (2005, p. 69), “é a tarefa humanista e histórica dos oprimidos: libertar-se a si mesmos e aos opressores. [...] A educação libertadora é, portanto, um ato de conhecimento, de reflexão crítica e de ação transformadora.” A partir desses atravessamentos, o retorno à escola pode tornar-se um movimento de emancipação e ressignificação para aqueles que, um dia, foram excluídos ou expulsos por não se adequarem a um modelo ideal de aluno.

Essa concepção de educação exige que os estudantes sejam acolhidos e compreendidos pelos educadores que atuam com os jovens. Assim, compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, as percepções de professores da EJA acerca da crescente presença de estudantes jovens nessa modalidade tornou-se o objetivo desta pesquisa. Ouvir o que os professores pensam sobre esse novo perfil da EJA é de extrema importância para um trabalho efetivo de emancipação dos sujeitos nessa modalidade de ensino.

2. METODOLOGIA

Para orientar a investigação, adotaremos a metáfora “sulear” em vez de “nortear”. Inspirada por Márcio D’Oliveira Campos e retomada por Paulo Freire, essa metáfora indica uma busca por referências epistemológicas do Sul Global e recusa a orientação eurocêntrica e hegemônica. Segundo CAMPOS (2016), “sulear” propõe uma releitura crítica do mundo, questionando técnicas de orientação espacial importadas do Norte e criticando a colonialidade do saber. Nessa perspectiva, a pergunta “suleadora” que guiará esta pesquisa é: **Como os professores percebem a juvenilização na Educação de Jovens e Adultos?**

Trata-se de uma pesquisa em andamento, em que adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa narrativa. Pretendemos compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, as percepções de

professores da EJA sobre a crescente presença de alunos jovens. A investigação está sendo realizada em uma escola municipal de Pelotas, Rio Grande do Sul, com docentes que atuam nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. A seleção teve em conta a experiência prévia na EJA e disponibilidade para participar da construção das narrativas. Serão ouvidos seis professores, com trajetórias profissionais variadas.

A produção de informações se dará por meio de entrevistas narrativas abertas (Bruner, 1997), em encontros individuais. Perguntas geradoras não estruturadas estimulam os docentes a contar suas histórias de vida e de atuação na EJA, com foco nas transformações percebidas ao longo de sua atuação docente. A interpretação das narrativas será conduzida à luz das referências teóricas do estudo (CARRANO, 2000; ARROYO, 2023; CLANDININ; CONNELLY, 2011; JOSSO, 2004), buscando articular as experiências docentes com os debates acadêmicos sobre juventude, EJA e perspectivas decoloniais. Ao relatar suas vivências, os professores não só refletem sobre a prática, mas também constroem e ressignificam seus percursos formativos, num processo contínuo de autoformação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender esse fenômeno, apoiamo-nos em autores que discutem as juventudes. CARRANO (2000) chama a atenção para a tendência de reduzir a juventude a uma faixa etária associada à imaturidade psicológica, atribuindo aos jovens irresponsabilidade e desinteresse. Em vez de nos prendermos a essa noção restrita, percebemos a juventude como uma condição social complexa, atravessada por múltiplas formas de existência que variam conforme os contextos históricos e culturais. Nessa mesma direção, ARROYO (2023) destaca que vivemos uma nova condição juvenil; adolescência, juventude e vida adulta não são categorias fixas, mas construções históricas e culturais em constante transformação. Isso implica que o pensamento pedagógico e a prática docente precisam acompanhar tais mudanças para compreender melhor os sujeitos que hoje compõem a EJA.

O jovem que frequenta a EJA, em sua condição “adolescente-juvenil-adulta” (ARROYO, 2023), traz experiências marcadas pela evasão escolar e pela distorção idade-série. Condições sociais excludentes e trajetórias escolares interrompidas contribuem para o fenômeno da juvenilização da EJA no Brasil. Essa juvenilização teve início nos anos 1990, quando a modalidade, tradicionalmente voltada a adultos e idosos, passou a acolher jovens. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) reduziu a idade mínima para ingresso: de 21 para 18 anos no ensino médio e de 18 para 15 anos no ensino fundamental. Embora não seja a única causa, essa mudança legal intensificou a presença de jovens e estimulou debates sobre a necessidade de rever práticas pedagógicas, currículos e formação docente para atender a esse novo público.

Ao término da investigação, propomos a construção de um **Produto Educacional** capaz de traduzir, de forma sistematizada, as reflexões e aprendizagens emergidas das narrativas dos docentes e articuladas aos referenciais teóricos mobilizados. Esse produto terá caráter aplicado e pretende contribuir diretamente com a prática escolar, constituindo-se como um recurso formativo e um espaço de diálogo com professores e demais profissionais da EJA.

Inspirados pela metáfora **suleadora**, propomos a construção de um **e-book**, constituído da percepção de professores para professores. Nele, serão apresentadas as características do atual público da EJA e sugeridos temas

emergentes para discussão com os estudantes. O formato digital favorecerá a circulação do material e permitirá a inclusão de recursos multimídia, além de se alinhar ao contexto de uso de tecnologias no ensino de jovens e adultos. Contudo, seguindo o princípio de valorização da cultura do Sul, esse formato permanece aberto a modificações: ao longo do processo investigativo, o produto poderá assumir outros formatos (por exemplo, blog, podcast ou roda de conversa), caso as necessidades dos participantes indiquem caminhos mais adequados. A intenção é que o produto seja uma construção orgânica, fruto da interlocução entre as narrativas dos professores e a escuta atenta das especificidades da EJA, ajustando-se às demandas emergentes sem perder de vista a perspectiva decolonial.

4. CONCLUSÕES

Os resultados esperados e o produto educacional pretendem proporcionar o debate sobre as potencialidades e os desafios da EJA contemporânea. Ao reconhecer a diversidade de experiências dos estudantes, a pesquisa busca valorizar o docente como sujeito formador e em constante formação, reafirmando que as práticas pedagógicas devem dialogar com a cultura e com a realidade dos educandos. O caráter aplicado da investigação, inspirado em iniciativas que estimulam a criação de cadernos pedagógicos e materiais didáticos articulados às vivências escolares, assegura que o produto surja de demandas concretas e se destine a fortalecer a prática docente na EJA. Essa perspectiva converge com a ideia de que desenvolver materiais educativos é um processo aberto, cuja utilização final pode extrapolar as intenções iniciais e requer validação em sala de aulas. Conclui-se, portanto, que a pesquisa e seu produto tendem a fortalecer a formação docente e a reconhecer a pluralidade de sujeitos na EJA, contribuindo para práticas educativas mais inclusivas e significativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento revista educação**, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/189/0>. Acesso em: 25 abr. 2025.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento revista educação**, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/189/0>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução de Maria da C. Abreu. Brasília: Líber Livro, 2011. FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2005

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAMPOS, M. D. Por que SULear? Astronomias do Sul e culturas locais. *In Perspectivas Etnográficas e Históricas sobre as Astronomias*, Priscila Faulhaber, Luiz C. Borges (Orgs.), Anais do IV Encontro Anual da SIAC. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2016, p. 215-240. Acesso em 05 de agos. 2025 online. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/#:~:text=SULear%20%C3%A9%20uma%20proposta%20iniciada,geopol%C3%ADticas%20das%20escolhas%20de%20orienta%C3%A7%C3%A3o>